

A VOLTA DE ZICO

123 RUBEM BRAGA

SE reformarem a Constituição você deve sair, Zico. Volte para o Brasil. Deixe essa Buenos Aires que lhe é tão querida e onde você chegou em um tempo em que ainda era considerado rapaz, e onde viveu seus melhores 10 anos de homem. Quer o general Perón fazer de você um argentino — você, um moleque das pralás capixabas! — e arma, na reforma constitucional, esse alcapão afetivo para mais da metade da população de Buenos Aires: quem não quiser ser argentino que saia do país.

Venha-se embora, Zico. Seus amigos argentinos que amam em você a mais clara e forte gargalhada brasileira, passariam a olhar com desconfiança e tristeza o argentino Zico. Você teria talvez de usar colete e policiar seus próprios gestos, para ser um argentino conveniente. E então seus amigos achariam em você algo de hipócrita e convencional e, pela primeira vez, um estrangeiro, um intruso.

E' como brasileiro que você tem vivido em Buenos Aires e como brasileiro é que você é querido: os homens e as mulheres (eu vi) têm a voz rouca quando você finge que volta para o Rio; e quando você regressa a Buenos Aires eles lhe dão um banquete tão ilustre e enorme, tão solene e afetuoso, tão desesperadamente cordial, e clumento de sua viagem, e ao mesmo tempo tão alegre e boêmio, que você des-

cobre que não precisa sair de Buenos Aires porque já abraçei tudo o que ama em Buenos Aires.

Não foi apenas pelo ouvido ruim que você não pôde aprender a falar o espanhol com um mínimo de decência. De você nunca ninguém exigiu uma pronúncia correta — e todos achariam horrivelmente incorreto de sua parte se de repente começasse a falar como um argentino. Isso seria uma espécie de traição a você mesmo e a eles — e que péssimo argentino seria você! Quando você dissesse — “nós-tros” — eles o olhariam com indefinível mal-estar, como se você tivesse dito muito a sério “nós, laranças...”. E você anda tão acostumado a viver no estrangeiro que acabaria vindo para o Brasil.

Volte, meu caro tio. Não ainda para o solar de Jaburuna, onde há de viver seus últimos anos, incrivelmente velho, contando para os netos algumas histórias verdadeiras em que eles jamais acreditarão. Volte para esta nossa velha agonia de Rio e São Paulo — lembrando-se daquele tempo em que empurramos as damas para dentro de um cinema da rua São Bento porque era o mais barato ou para o tempo ainda pior em que nosso único prazer real e assim mesmo, conforme ficou provado, excessivamente perigoso, era tomar um copo de água gelada na Colombo.

Volte, meu velho tio. Se o general Perón tivesse mais imaginação (e não fosse o general Perón, e não estivesse de mal com a gente melhor e mais inteligente da Argentina) ele faria você argentino para ser cônsul no Rio — você que, mesmo exilado e pobre, sempre foi, em Buenos Aires, o melhor cônsul do Brasil.

13.1.49

23